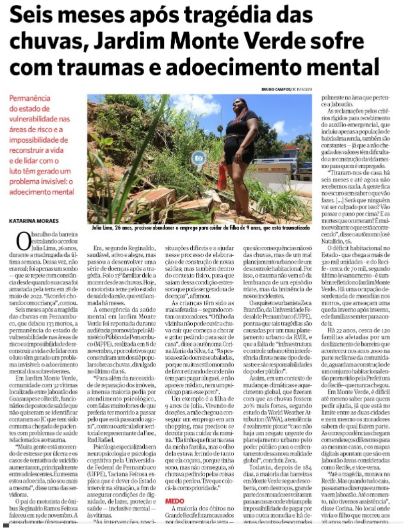
27/11/22

Pág. 2

Katarina Moares

*"O arquiteto e urbanista Zeca Brandão, da **Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**, pontua que tais tragédias são causadas por um mau planejamento urbano da RMR, e que a falta "de infraestrutura e controle urbano têm interferência direta desse tipo de desastre e são responsabilidades do poder público"*



Seis meses após tragédia das chuvas, Jardim Monte Verde sofre com traumas e adoecimento mental

Permanência do estado de vulnerabilidade nas áreas de risco e a impossibilidade de reconstruir a vida e de lidar com o luto têm gerado um problema invisível: o adoecimento mental

KATARINA MORAES

BRUNO CAMPOS/JC IMAGEM

Julia Lima, 26 anos, precisou abandonar o emprego para cuidar da filha de 9 anos, que está traumatizada

O barulho da barreira estralando acordou Julia Lima, 26 anos, durante a madrugada da última semana. Dessa vez, não era real; foi apenas um sonho — que se repete com constância desde quando sua casa foi arrastada pela terra em 28 de maio de 2022. “Acordei chorando como criança”, contou.

Seis meses após a tragédia das chuvas em Pernambuco, que deixou 133 mortos, a permanência do estado de vulnerabilidade nas áreas de risco e a impossibilidade de reconstruir a vida e de lidar com o luto têm gerado um problema invisível: o adoecimento mental dos sobreviventes.

Em Jardim Monte Verde, comunidade com 32 vítimas localizada entre Jaboatão dos Guararapes e o Recife, funcionários de postos de saúde que não quiseram se identificar contaram ao JC que tem sido comum a chegada de pacientes com problemas de saúde relacionados ao trauma.

“Muita gente está morrendo de estresse por úlcera e os casos de tentativa de suicídio aumentaram, principalmente entre adolescentes. Eu mesma estou adoecida, não sou mais a mesma”, disse uma das servidoras.

O pai do motorista de ônibus Reginaldo Ramos Feitosa faleceu em 19 de novembro. A causa da morte: úlcera estoma-

Era, segundo Reginaldo, saudável, ativo e alegre, mas passou a desenvolver uma série de doenças após a tragédia. Foi o 13º familiar dele a morrer desde as chuvas. Hoje, o motorista teme pelo estado de saúde da mãe, que está acamada há meses.

A emergência da saúde mental em Jardim Monte Verde foi reportada durante audiência promovida pelo Ministério Público de Pernambuco (MPPE), realizada em 8 de novembro, e por coletivos que construíram um dossiê popular sobre as chuvas, divulgado no último dia 16.

“Para além da necessidade de reparação dos imóveis, a imensa maioria pedia por atendimento psicológico, com falas muito fortes de que preferia ter morrido a passar pelo que está passando agora”, contou o articulador territorial e representante da Fase, Rud Rafael.

Psicóloga especializada em neuropsicologia e psicologia cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Taciana Feitosa explica que é dever do Estado intervir na situação, a fim de assegurar condições de dignidade, de lazer, proteção e saúde — inclusive mental — às vítimas.

“As intervenções preci-

situações difíceis e a ajudar nesse processo de elaboração e de construção de novas saídas; mas também dentro do contexto físico, para que saiam dessa condição estressora que pode ser geradora de doenças”, afirmou.

As crianças têm sido as mais afetadas — segundo contam os moradores. “O filho da vizinha não pode ouvir a chuva cair que começa a chorar e gritar pedindo para sair de casa”, disse a autônoma Corina Maria da Silva, 62. “As pessoas estão doentes e abaladas, porque muitos estão morando de favor e tirando de onde não tem para pagar aluguel, e não aparece médico, nem um psicólogo para esse povo”.

Um exemplo é a filha de 9 anos de Julia. Vivendo de doações, a mãe chegou a conseguir um emprego em um shopping, mas precisou se demitir para cuidar da menina. “Ela tinha que ficar na casa da minha família, mas o olho dela estava ferindo de tanto que ela coçava, porque tinha sono, mas não conseguia, só chorava pedindo pelas coisas que ela perdeu. Tive que colocá-la como prioridade.”

MEDO

A maioria dos óbitos no Grande Recife foram causados por deslizamentos de terra — que são consequências não só das chuvas, mas de um mal planejamento urbano e de um descontrole habitacional. Por isso, o trauma não vem só da lembrança de um episódio triste, mas da iminência de novos incidentes.

O arquiteto e urbanista Zeca Brandão, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pontua que tais tragédias são causadas por um mau planejamento urbano da RMR, e que a falta de “infraestrutura e controle urbano têm interferência direta nesse tipo de desastre e são responsabilidades do poder público”.

Assim, em um contexto de mudanças climáticas e aquecimento global, que fizeram com que as chuvas fossem 20% mais fortes, segundo estudo da World Weather Attribution (WWA), a tendência é realmente piorar “caso não haja um resgate urgente do planejamento urbano pelo poder público para o enfrentamento dessa nova realidade global”, concluiu Zeca.

Todavia, depois de 184 dias, a maioria das barreiras em Monte Verde segue descoberta, com destroços, grande parte dos moradores voltaram para as casas onde viviam pela impossibilidade de pegar por uma outra moradia e há dezenas de outras desocupadas

palmente na área que pertence a Jaboatão.

As reclamações pelos critérios rígidos para recebimento do auxílio emergencial, que incluiu apenas a população de baixíssima renda, também são constantes — já que a não chegada dos valores têm dificultado a reconstrução da vida mesmo para quem é empregado.

“Tiraram-nos de casa há seis meses e até agora não recebemos nada. A gente fica no escuro sem saber o que vão fazer. [...] Será que ninguém vai ser culpado por isso? Vão passar o pano por cima? E as mortes que ocorreram? É muito revoltante o que está acontecendo”, disse o autônomo José Natalicio, 56.

O déficit habitacional no Estado - que chega a mais de 320 mil unidades - e do Recife - cerca de 70 mil, segundo último levantamento - é também refletido no Jardim Monte Verde. Há uma ocupação desordenada de moradias nos morros, que ameaçam uma queda inverno após inverno, e de famílias sem ter para aonde ir.

Há 22 anos, cerca de 120 famílias afetadas por um deslizamento de barreira que aconteceu nos anos 2000 na parte recifense da comunidade, aguardam a construção de um conjunto habitacional então prometido pela Prefeitura do Recife - que nunca chegou.

Em Monte Verde, é difícil até mesmo saber para quem pedir ajuda, já que está no limite entre as duas cidades e nem mesmo os moradores sabem de qual fazem parte. As correspondências chegam com endereços diferentes para as mesmas casas, e os mapas digitais apontam que são em Jaboatão áreas consideradas como Recife, e vice-versa.

“Até a tragédia, morava no Recife. Mas quando tudo caiu, passaram a dizer que eu morava em Jaboatão. Até o momento, não tivemos assistência”, disse Corina. No local onde vivia o filho que morreu aos 28 anos pelo deslizamento